



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO- PROG
CAMPUS PEDREIRAS

DÉBORA ROZANE DA SILVA BESERRA DE SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O papel da metáfora como crítica social

PEDREIRAS

2024

DÉBORA ROZANE DA SILVA BESERRA DE SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O papel da metáfora como crítica social

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão Campus Pedreiras para o grau de licenciatura em Letras.

Professor Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

Ficha Catalográfica

Sousa, Débora Rozane da Silva Beserra de.

Ensaio sobre a cegueira: o papel da metáfora como crítica social /
Débora Rozane da Silva Beserra de Sousa. – Pedreiras, MA, 2024.

... f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do
Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

1. Metáfora. 2. Crítica Social. 3. Desumanização. I.Título.

CDU: 81'373.612.2

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

DÉBORA ROZANE DA SILVA BESERRA DE SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O papel da metáfora como crítica social

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão Campus Pedreiras para o grau de licenciatura em Letras.

Professor Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

Aprovação em: 30/07/2024

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 05/11/2024 11:33:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva
ORIENTADOR

Documento assinado digitalmente
 **MARIA EVELTA SANTOS DE OLIVEIRA**
Data: 05/11/2024 11:26:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Ma. Maria Evelta Santos de Oliveira (UFMA)

1º EXAMINADOR

Documento assinado digitalmente
 **DEYMIKA DE CARVALHO FLORENCIO**
Data: 05/11/2024 10:24:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Ma. Deymika de Carvalho Florêncio (UEMA)

2º EXAMINADOR

Dedico este trabalho a Deus, por me conceder força e sabedoria durante todo o percurso acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, por conceder força e sabedoria para concluir mais uma etapa da jornada acadêmica. A minha família por todo apoio e encorajamento, que foram fundamentais nesse processo, principalmente a minha mãe Raimunda Silva que sempre foi a minha inspiração e minha maior incentivadora durante todo esse processo, ao meu esposo Eduardo por sempre está ao meu lado em todo os momentos. Ao meu orientador Professor Francinaldo expresso minha sincera gratidão por toda orientação e dedicação ao longo desse trabalho, suas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Expresso minha gratidão a Universidade Estadual do Maranhão pela excelente formação e pelas oportunidades de aprendizado que proporcionou. Aos meus colegas de curso agradeço pela companheirismo, apoio e troca de conhecimento, que foram fundamentais para a conclusão desse trabalho, em especial Iranildo Miranda e Ana Karen por todo o incentivo, vocês foram fundamentais para conclusão desde trabalho.

“Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” José Saramago

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Ensaio Sobre a Cegueira* do escritor português José Saramago (1995) com o foco principal de examinar a metáfora presente na obra como crítica social. Inicialmente, discorre-se sobre a metáfora e a sua relação com a literatura, abordando as teorias da metáfora incluindo a metáfora tradicional e a metáfora conceptual, bem como seus efeitos de sentidos, utilizando como base teórica Lakoff, Johnson (2002), Ferrarezi (2008) e Borges (2000) . Em seguida, a biografia de José Saramago é apresentada, com embasamento no livro de José Marque (2010), além de suas obras e fortuna crítica. Posteriormente, a análise do livro é realizada, com foco nas metáforas existentes e na forma como o autor utiliza como crítica social, aprofundando questões éticas. O presente trabalho buscar investigar a maneira como a obra retrata a metáfora da cegueira para simbolizar a desumanização da sociedade, gerando uma reflexão crítica sobre questões sociais presente no livro. Ao longo dos estudos foi possível notar que a obra apesar de ser ficcional reflete sobre a realidade da sociedade contemporânea. A obra de Saramago mostra como a metáfora tem o papel valioso no exercício da crítica social ampliando a visão de aspectos da obra em análise.

Palavras chave: Metáfora, crítica social, desumanização

ABSTRACT

The present work aims to analyze the work *Ensaio Sobre a Cegueira* by Portuguese writer José Saramago (1995) with the main focus of examining the metaphor present in the work as social criticism. Initially, metaphor and its relationship with literature are discussed, addressing metaphor theories including traditional metaphor and conceptual metaphor, as well as their effects on meanings, using Lakoff, Johnson (2002) and Tuner (2002) , Ferrarezi (2008) and Borges (2000). Next, José Saramago's biography is presented, based on José Marque's book (2010), in addition to his works and critical fortune. Subsequently, the book is analyzed, focusing on existing metaphors and the way the author uses them as social criticism, delving deeper into ethical issues. The present work seeks to investigate the way in which the work portrays the metaphor of blindness to symbolize the dehumanization of society, generating a critical reflection on social issues present in the book. Throughout the studies, it was possible to notice that the work, despite being fictional, reflects on the reality of contemporary society. Saramago's work shows how metaphor plays a valuable role in the exercise of social criticism, expanding the view of aspects of the work under analysis.

Keywords: Metaphor, social criticism, dehumanization

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E METÁFORA	12
2.1 Teorias Sobre a Metáfora	13
2.1.1 Metáfora Tradicional	14
2.1.2 Metáfora Conceptual.....	14
2.2 Efeitos de Sentido da Metáfora.....	15
3. JOSÉ SARAMAGO: vida, obra e fortuna crítica	17
3.1 Biografia José Saramago	17
3.2 Ensaio Sobre a Cegueira e outras obras de José Saramago	21
3.3 Crítica Ensaio Sobre a Cegueira.....	
4. METÁFORAS DE DESUMANIZAÇÃO E CRÍTICA SOCIAL EM 'ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA' DE JOSÉ SARAMAGO	25
4.1 A Desumanização como metáfora precursora da violência	25
4.2 A metáfora da cegueira branca como crítica social a sociedade	30
4.3 A metáfora do manicômio em <i>Ensaio Sobre A Cegueira</i>	32
4.4 A metáfora presente na personagem "a mulher do médico".	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERENCIAIS	

1. INTRODUÇÃO

A obra *Ensaio Sobre a Cegueira* escrita por José Saramago foi escrita em 1995, conta a história de uma epidemia de cegueira branca, sem explicação, que se espalha rapidamente entre a população. Com objetivo de não aumentar o número de pessoas cegas o governo isola os doentes em um manicômio que ficam abandonados naquele lugar.

A obra de Saramago apresenta a cegueira como uma metáfora que é símbolo da desumanização da sociedade, pois antes mesmo de perder a visão as pessoas já estavam cegas em um sentido mais amplo, pois não conseguiam enxergar o outro, demonstrando falta de empatia e solidariedade; demonstrando que a cegueira é a condição natural da sociedade contemporânea.

A escolha do tema “Ensaio sobre a Cegueira: o papel da metáfora como crítica social” para a presente pesquisa justifica-se na medida em que busca compreender a como a metáfora é utilizada na obra ensaio sobre a cegueira de José Saramago e a mensagem que é transmitida através dela. A obra de Saramago apresenta a cegueira como uma metáfora que é símbolo da desumanização da sociedade, pois antes mesmo de perder a visão as pessoas já estavam cegas em um sentido mais amplo, pois não conseguiam enxergar o outro, demonstrando falta de empatia e solidariedade, demonstrando que a cegueira é a condição natural da sociedade contemporânea.

A presente pesquisa, dessa forma, busca compreender a crítica social, os desafios na sociedade contemporânea, presente na obra através da metáfora e também para o desenvolvimento de uma visão reflexiva sobre a sociedade contemporânea. Ao analisar a relevância da cegueira como crítica social é possível aprofundar o conhecimento sobre os desafios e problemáticas que estão inseridos na sociedade contemporânea.

Um dos motivos da escolha desse tema foi a inquietação pela ausência de valores, levando assim as injustiças sociais, com base nisso veio o desejo de investigar e analisar os valores presente na sociedade, pois em um mundo cada vez mais tecnológico, consumista, percebemos que os valores estão mudando, os valores considerados fundamentais estão perdendo espaço para o egoísmo e o individualismo. A análise da metáfora da cegueira nos leva a reflexões sobre como é importante resgatar os valores tradicionais para assim ter uma sociedade mais justa.

Ensaio Sobre a Cegueira tem uma relação com a sociedade em que foi produzida, o autor utiliza a metáfora para criticá-la, assim, percebe-se na obra a relação entre a literatura e a sociedade, diante disso surge o seguinte questionamento: De que maneira a metáfora da cegueira na obra *Ensaio Sobre a Cegueira* de José Saramago é usada para simbolizar a desumanização na sociedade moderna?

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso da metáfora da cegueira no livro *Ensaio sobre a Cegueira*, de forma a estabelecer uma relação crítica com a sociedade moderna, caracterizada por sua tendência ao egoísmo e à falta de empatia. A pesquisa busca explorar os valores morais presentes na obra e fazer uma reflexão sobre sua relevância para a sociedade atual, promovendo uma discussão ampliada sobre a ética e moralidade em ambos os contextos.

A presente pesquisa tem uma perspectiva qualitativa que consiste em um estudo de revisão bibliográfica, na qual foi analisado estudos relacionados com a obra e o tema a desumanização da sociedade moderna, e como esta é simbolizada na obra através de uma metáfora, bem como a eficácia do uso da metáfora na literatura para simbolizar questões sociais.

Desse modo, foi realizada uma análise aprofundada sobre a obra buscando identificar o uso da metáfora para simbolizar a desumanização da sociedade e analisando a obra de maneira geral, suas características, elementos simbólicos, o enredo, assim como a relação da mesma com a sociedade.

No primeiro capítulo discorre-se sobre a metáfora e a sua relação com a literatura, abordando as teorias da metáfora incluindo a metáfora tradicional e a metáfora conceptual, bem como seus efeitos de sentidos, utilizando como base teórica Lakoff (2002), Johnson e Tuner (2002), Ferrarezi (2008) e Jorge Luis Borges (2000). No segundo capítulo, apresenta-se a biografia de José Saramago, com embasamento no livro de José Marque (2010).

Posteriormente, no terceiro capítulo a análise do livro é realizada, com foco nas metáforas existentes e na forma como o autor utiliza-as como crítica social, aprofundando questões éticas. Apresenta-se a metáfora como percussora da violência, também como crítica social, assim como a simbologia do espaço em que a narrativa se desenvolve -o manicômio, e a representação da personagem mulher do médico.

2. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E METÁFORA

De acordo com Lakoff, Johnson (2000) metáfora está presente em nossas vidas diárias, especialmente no pensamento e na ação, e está totalmente associada com a imaginação. Na literatura ela tem um papel fundamental na criação de ideias, imaginação e emoções, os autores utilizam-na para transmitir de maneira mais fascinante o seu texto. Ferrarezi (2008) afirma a importância da metáfora na literatura:

Na literatura, a metáfora tem uma grande importância, pois permite criar efeitos estéticos que não seriam possíveis apenas com as palavras em sentido costumeiro [...]. Os efeitos estéticos que a poesia permite, e que são utilizados nas letras poéticas das músicas, são tão interessantes que costumeiramente os usamos para conquistar a simpatia ou o amor de alguém (Ferrarezi, 2008, p. 208).

A metáfora permite a criação de efeitos estéticos, tornando o texto mais atrativo. O filósofo Paul Ricoeur descreve alguns elementos referentes a valorização da estética, acreditando em uma abordagem que analise não apenas o conteúdo, mas também a forma. Ricoeur afirma que a poesia vai muito além da criação de poemas, mas representa a capacidade de ampliar o sentido da palavra.

Ricoeur explica que a metáfora une a obra de arte, afirmando que o objeto da arte é metafórico; na visão de Ricoeur (1978) metáfora é essencial para compreensão, permitindo um efeito estético mais amplo e mais profundo. A literatura tem o papel de narrar um acontecimento transmitindo as emoções e os sentimentos através das palavras, assim ela possibilita a transmissão dos fatos de maneira mais ampla, instigando a imaginação do leitor nos significados das palavras que vão além da representação literal.

Outra definição que Ricoeur, (1978) apoiado em Aristóteles, dar a metáfora o transporte do nome de uma coisa para designar outra vai muito além da relação entre as palavras. A metáfora estabelece uma simbologia entre os termos, permitindo a conexão entre ideias e determinados termos, permitindo assim a criação de novos significados para as palavras.

De acordo com a teoria de Lakoff e Johnson (2000) metáfora não é apenas um recurso estilístico, mas uma forma de modelar nossa visão de mundo, pois conceitos abstratos são substituídos por termos metafóricos de acordo com a experiência de cada indivíduo. No poema "A Valediction: Forbidding Mourning", escrito pelo poeta metafísico John Donne, é possível analisar com base na teoria citada a relação entre o compasso e os amantes, retrata a conexão entre os amantes, mesmo separados,

mas estão conectados pelo um elo simbolizando o sentimento amoroso. A metáfora do poema reflete a visão que possuímos sobre conexão, separação, amor e associando com o compasso que é o símbolo metafórico do poema. Percebe-se como a metáfora é essencial para a compreensão de mundo.

Na literatura, encontram-se vários exemplos de poemas e livros em que a metáfora está presente, como o poema Tabacaria de Fernando Pessoa, onde o mundo do poeta é metaforicamente visto através de uma tabacaria, mostrando a sua visão de mundo através das metáforas presentes no poema.

O poema é composto por várias metáforas enriquecendo assim o poema e instigando a imaginação do leitor, em um dos versos Pessoa descreve a alma como orquestra esquisita, revelando assim a complexidade da sua alma, das suas emoções, sugerindo a presença de várias vozes e não conseguindo distinguir o que querem lhe revelar. O poema é repleto de versos metafóricos simbolizando a complexidade dos pensamentos e emoções do eu lírico, um exemplo de como a metáfora pode enriquecer textos literários e facilitar a compreensão do texto.

2.1 TEORIAS SOBRE A METÁFORA

Várias teorias sobre a metáfora foram surgindo com o decorrer dos anos, com o intuito de explicar função e utilização, entre elas a metáfora tradicional e a conceptual, ao se compreender cada uma delas percebe-se o seu papel para compreensão e expressão do mundo ao nosso redor.

Ao analisar as teorias das metáforas busca destacar suas contribuições para diversas áreas de estudos tais como linguística, Psicologia e comunicação e outras áreas. Buscando um aprofundamento sobre as teorias e sua relevância para comunicação.

A metáfora tradicional utiliza a metáfora com relações de similaridade entre dois elementos, comparando um elemento ao outro. A metáfora conceptual tem uma visão mais ampla, enxerga a metáfora como um mecanismo cognitivo fundamental para compreensão de mundo, seu foco não está no elemento em si mais na concepção que se tem sobre determinado elemento.

2.1.1 Metáfora Tradicional

A teoria da metáfora surgiu com Aristóteles em suas obras sobre poética e retórica, escrita em IV a.C, de acordo com sua visão, metáfora era transferir o nome de uma coisa para outra através de seu sentido figurado, assim, o sentido de uma determinada palavra pode ser transferido para outra no sentido figurado e simbólico estabelecendo uma relação entre determinadas palavras. A metáfora tradicional preocupava-se apenas com a linguagem, como escrever de maneira mais complexa, não preocupando-se com a linguagem do cotidiano. Para Aristóteles (1971) não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais.

De acordo com Aristóteles a metáfora é a transferência de um termo para outro termo, “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via da analogia” (Aristóteles, 1985, p. 274).

. Durante muito tempo a metáfora foi vista apenas como figura de linguagem, ignorando a sua significação em diversas áreas, ao longo do tempo a metáfora foi objeto de estudo de diversos pesquisadores, ampliando assim sua importância em diversas áreas.

2.1.2 Teoria Conceptual

A partir do lançamento do livro *Metáforas do Cotidiano*, lançado no ano 1980 por George Lakoff e Mark Johnson, temos uma nova visão de metáfora, os autores evidenciam como a metáfora está presente em nosso cotidiano. De acordo com a teoria dos autores, a metáfora está presente em todos os tipos de linguagens.

A metáfora é para a maioria das pessoas um mecanismo da imaginação poética e do florescimento retórico – uma questão extraordinária da linguagem. Além disso, a metáfora é normalmente vista como característica da linguagem por si só, uma questão de palavras, em vez de pensamento ou ação. [...]. Nós descobrimos que, pelo contrário, a metáfora é generalizada na vida cotidiana, e não apenas na linguagem, mas em pensamento e ação. Nosso sistema conceitual, em termos de como nós pensamos e agimos, tem sua natureza fundamentalmente metafórica. (Lakoff & Johnson, 2003, p. 3).

A teoria da Metáfora Conceptual apresenta a metáfora não apenas como uma figura de linguagem, mas como uma ferramenta essencial na comunicação. Ela busca

mostrar como a metáfora é essencial não só para a comunicação, mas também para compressão de mundo.

Steven Pinker, apesar de não concordar com Lakoff e Johnson, reconhece a importância da obra "Metáforas pelas quais vivemos" (Lakoff; Johnson, 1980) e a descreve como "extraordinária".

A linguística já exportou várias grandes ideias para o mundo intelectual. [...] Até por esses padrões, a teoria da metáfora conceitual de Lakoff é extraordinária. Se ele estiver certo, a metáfora conceitual pode fazer qualquer coisa, desde virar de cabeça para baixo 2500 anos de equivocada confiança na verdade e na objetividade no pensamento ocidental. (Pinker, 2008, p. 284).

Ribeiro (2007, p. 346) relata que na metáfora ocorre "o emprego de um vocábulo fora de seu significado básico, em virtude de uma semelhança". A metáfora é a utilização de um termo para se compreender outro, uma comparação sem elementos comparativos. (Almeida et al, 2010, p. 35), a metáfora permite conceber e imprimir ideias abstratas, desempenhando um papel de destaque para o sistema conceptual humano.

Lakoff e Johnson argumenta que conceitos abstratos podem ser compreendidos através de metáforas, a nossa compreensão se dar através de metáforas que estão enraizadas em nosso pensamento, a teoria conceptual contribuiu para ampliar o conceito de metáfora, passou a ser visto de maneira mais ampla, não apenas como uma figura de linguagem mais como um mecanismo essencial para compreensão de mundo.

[...] a metáfora interpenetra a linguagem e o pensamento cotidianos - evidência que não se encaixava em nenhuma teoria contemporânea angloamericana sobre o significado, quer dentro da linguística ou da filosofia. A metáfora tem sido tradicionalmente vista, em ambos os campos, como uma questão de interesse periférico. Compartilhamos a intuição de que é, em vez disso, uma questão central, talvez a chave para a explicação mais adequada da compreensão. (Lakoff & Johnson, 1980, p.7).

Na teoria da Metáfora Conceptual a ideia é que usamos metáforas como uma forma de lidar com questões do cotidiano. De acordo com esse pensamento, a nossa experiência ajuda a atribuir os significados as metáforas, fazendo parte do campo de estudo da Semântica Cognitiva que estuda a relação entre pensamento e o mundo.

De acordo com Semântica Cognitiva a compreensão do mundo é influenciada pelo a forma em que nossa mente processa a informação. A semântica cognitiva

analisa os conceitos construídos na mente, incluindo os conceitos de metáforas e a sua importância para a comunicação.

2.2 Os efeitos de sentido da Metáfora

O efeito de sentido de uma metáfora é a forma como o uso das palavras vai instigar a imaginação do leitor, tornando o texto mais rico. Por exemplo “seu sorriso é o sol em um dia nublado” estabelece uma comparação entre os elementos sorriso e sol, levando a ideia de que o sorriso pode iluminar um dia nublado, da mesma forma que o sol ilumina em dias fechados.

Jorge Luís Borges explica em uma conferência que o “importante de uma metáfora é ser sentida pelo leitor ou pelo ouvinte como uma metáfora”, (Borges, 2000, Pág. 03) ou seja, a metáfora só causa efeito quando ela entendida como uma metáfora, quando se tem um conhecimento prévio sobre o elemento que foi utilizado na metáfora. Jorge Luís Borges descreve em sua conferência alguns exemplos de metáforas e seus efeitos.

Vejamos alguns exemplos descritos: “tempo fluindo como um rio” essa metáfora compara o tempo com o rio, e causa o sentido de continuidade, movimento, mudança, por meio dessa metáfora reflete-se sobre o tempo, um termo abstrato sendo comparado ao rio, um elemento da natureza.

Outro exemplo bastante utilizado é a comparação das mulheres com as flores que traz diversos sentidos como a beleza, as flores tem uma beleza natural, delicadeza, ao ser comparada com a mulher atribuir-se essas características. Também podem ter um sentido de crescimento e renovação, as flores apresentam ciclos, como crescimento, florescimento assim a mulher tem também suas fases.

Temos também um exemplo bastante conhecido e essencial a vida como um sonho, que leva a reflexões profundas sobre a existência humana, sobre a efemeridade da vida, que assim como um sonho ela é passageira, e traz grandes transformações pois assim como no sonho a vida está em constante transformações, e ao longo do tempo tem diversas mudanças. Essas metáforas podem ser compreendidas de diversas maneiras de acordo com a percepção que tem sobre a vida e sobre os sonhos.

William Shakespeare utiliza essa metáfora da seguinte forma” somos aquela matéria de que os sonhos são feitos” ao utilizar essa comparação temos a ideia de

que o ser humano é capaz de imaginar e de criar coisas novas e sonhar, e faz uma comparação entre sonho e realidade e seus efeitos na realidade.

Em um poema escrito por Cecilia Meireles ela utiliza a metáfora “Oh, quanto me pesa esse coração que é de pedra” nessa metáfora compara-se o coração ao uma pedra, tendo-se a ideia de um coração duro, que não se compadece com nada, que não sente nada, o termo pesado nos remete a ideia de que está carregado de sentimentos que o eu lírico é incapaz de expressar.

3. JOSÉ SARAMAGO: Vida, Obra e Fortuna Crítica

José Saramago é um dos mais admirados escritores da literatura portuguesa, conhecido por suas obras polemicas sempre levantando questões críticas sobre a sociedade e a condição humana. Começou a se destacar como escritor em 1970, com seu estilo diferenciado que ficou conhecido como estilo saramaguiano, desafiando assim questões gramaticais de pontuação, uma característica própria da sua escrita.

Uma de suas obras mais conhecidas “Ensaio Sobre a Cegueira” faz uma reflexão sobre a condição humana no mundo contemporâneo, reflete os valores morais da sociedade da época, ao apresentar uma história ficcional em que uma epidemia de cegueira atinge uma cidade sem nome, criando assim uma metáfora para mostrar os valores da sociedade.

Em 1988 recebeu o prêmio Nobel de Literatura, tornando o primeiro autor da literatura portuguesa a receber esse prêmio, o que o proporcionou maior reconhecimento e influência com outros escritores, tendo assim o reconhecimento merecido, e também tornando conhecida a literatura de Portugal.

3.1 Biografia Jose Saramago

José de Sousa Saramago um escritor português que nasceu em 16 de novembro de 1922, na aldeia de Azinhaga, seu pai José de Sousa, antes um camponês, mais tarde se tornou policial, e Maria da Piedade que trabalhava como doméstica.

Em 2010 ano da morte do autor, José Marques Neto lançou o livro *Biografias José Saramago*, onde conta toda a história do escritor, desde a sua infância até o

percurso que lhe tornou um escritor muito conhecido, autor de vários livros e também ganhador do prêmio Nobel.

Saramago nasceu em um ambiente triste e desafiador, no qual a maioria da população era analfabeta, possivelmente tendo dificuldades em ter uma educação de qualidade, alta taxa da mortalidade infantil, não tendo acesso a saúde, levando a morte de várias crianças e expectativa de vida não ultrapassava os 47 anos. “A taxa de analfabetismo andava em assustadores 61,8 %. A taxa de mortalidade infantil situava-se em 143,6 por mil e a esperança média de vida era somente de 47 anos.” (Lopes, 2010, p. 22)

Uma esperança de vida limitada devidos as dificuldades e condições precárias de saúde, higiene e alimentação. Foi em meio a todas essas dificuldades que cresceu Saramago, enfrentou todos os obstáculos e conseguiu se tornar um escritor admirável e talentoso.

Entre o começo de 1923 e o início de 1924 mudou-se definitivamente para Lisboa em buscas de novas oportunidades e melhores condições de vida. No mesmo ano o pai do escritor conseguiu emprego de policial de segurança pública. A mudança de cidade foi marcada por uma tragédia, a perda do irmão mais novo.

No fim do ano, mais concretamente a 22 de Dezembro de 1924, o seu irmão e primogénito da família morre de broncopneumonia. Contava apenas quatro anos. O escritor haveria de ver nesta tragédia a causa de uma certa *secura* que a sua mãe lhe dispensaria durante a infância, chegando mesmo ao ponto de renegar os beijos que ele lhe pedia e de compará-lo desfavoravelmente com o irmão precocemente falecido. (Lopes, 2010, p. 19).

Essa tragédia marcou a vida de Saramago, deixando traumas e afetando sua relação familiar até mesmo com sua mãe, chegando a ser rejeitado. A mãe encontrou-se emocionalmente abalada não sabendo lidar com a situação.

As experiências vividas na infância foram fonte de inspiração para as suas obras, o escritor desde cedo enfrenta diversos desafios e acompanhou de perto a luta da família para sobreviver. Isso relata algumas temáticas bastante presente em suas obras como temas sociais, críticas política e desigualdade social.

A vida do autor é repleta de acontecimentos marcantes, descobertas incríveis, inclusive a história de seu nome, em um livro chamado *Pequenas Memórias Saramago* relata a intrigante história de seu nome, que ficou bastante conhecido devido um erro do funcionário do cartório.

Por várias vezes, o escritor explicaria o caso. Nas *Pequenas Memórias*, escreve: «Que esse Saramago não era um apelido do lado paterno, mas sim a alcunha por que a família era conhecida na aldeia. Que indo o meu pai a

declarar no Registo Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário (chamado ele Silvino) estava bêbado (por despeito, disse o acusaria sempre meu pai) e que, sob os efeitos do álcool e sem que ninguém se tivesse apercebido da onomástica fraude, decidiu por conta e risco acrescentar Saramago ao lacónico José de Sousa que o meu pai pretendia que eu fosse.» Com razão, terá o pai da criança ficado aborrecido com semelhante descoberta, visto tal apodo remeter para uma espécie de erva ruim que nasce espontaneamente nos campos e equivaler a denegrimiento da família entre os vizinhos da aldeia natal. (Lopes, 2010, P. 24)

No ano de 1939, Saramago iniciou o curso técnico de serralheiro mecânico, a qual por alguns anos foi a sua profissão, porém seu foco sempre foi na área de literatura, sempre gostou de ler obras de autores famosos, sendo ponto de partida para a sua inserção no mundo da escrita. Foi no intervalo de tempo entre término do curso e primeiro emprego que Saramago escreveu seus primeiros versos, que logo depois foi gravado em um prato para entregar a amada, chamada Ilda Reis, que futuramente tornou-se sua esposa.

Cautela, que ninguém ouça.

O segredo que te digo:

Dou-te um coração de louça

Porque o meu anda contigo.

No ano de 1941 conseguiu então seu primeiro emprego como serralheiro mecânico na área de oficiais do hospital civis de Lisboa, posteriormente mudou para o cargo administrativo, exercendo funções de auxiliar. Na época fez um empréstimo com seu colega de trabalho para comprar os seus primeiros livros.

Afastado do mundo dos livros pelas origens sociais humildes, mas acercando-se ao saber por meio da escola, José Saramago haveria de encontrar nas bibliotecas a possibilidade de desenvolver autodidacticamente a sua formação para além da mera aprendizagem escolar. (Lopes, 2010, P. 31)

O lançamento do seu primeiro livro *Terra do pecado*, em 1947, teve pouca repercussão, o autor relata que vendeu pouco e teve críticas razoáveis, críticas que serviram para o seu crescimento como escritor. Entre 1947 a 1953 começou a escrever romances, contos, peças de teatros para importantes jornais da época.

Sem relação e nome no meio literário, Saramago resolve arriscar publicando seu primeiro romance. Lopes descreve o primeiro romance do autor como escavação arqueológica do passado. Uma obra que abordou aspectos sociais, políticos e histórico da sociedade da época. O livro foi o ponto de partida para o desenvolvimento da escrita de Saramago.

No ano de 1944 casa com Ilda Reis que era datilógrafa nos caminhos de ferro em Portugal. Em 1947 teve a primeira e única filha que se chama Violante. Passou a exercer a função de escriturário na caixa de previdência do pessoal da indústria da cerâmica, onde posteriormente foi demitido por motivos do revanchismo dos fascistas, pois ele não cumpria as ordens que prejudicaria a sua imagem.

Depois de desempregado, recorreu auxílio de seu antigo professor de matemática, que era administrador e delegado da companhia seguradora previdente, que logo conseguiu o emprego ficando empregado de 1950 a 1959.

A amizade com Humberto D'ávila começou de maneira repentina quando foi convidado por ele para um recital Pierre Fournier, no São Carlos, essa amizade levou-se a conhecer outros escritores como José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira e Carlos de Oliveira, assim também como Nataniel da Costa diretor literário do editorial estúdios cor, onde Saramago posteriormente exerce diversas funções como editor, tradutor e até mesmo desenhista. Em 1959 foi promovido a editor literário da editora, permaneceu até o ano de 1971, tornando-se assim conhecido no mundo das letras.

Durante o regime fascistas, Saramago, assim como vários outros escritores, teve seus textos censurados, como a crônica *As palavras*, que criticava a inexistência da liberdade de expressão da época. Assim como vários outros textos, levando o escritor a militância política.

A imprensa não inibiu o escritor, sempre comentou e expressou sua opinião sobre temas abordados na época, criticou o tratamento especial das autoridades com publicações estrangeiras, filiou-se ao PCP partido contrário aos fascistas, participava de reuniões antifascistas.

Saramago resumia a experiência então vivida neste jornal: «É este o tempo em que os trabalhadores do *Diário de Notícias*, na sua grande maioria activa e participante, avançam para a realização de um objectivo que naquela casa, até aí, haveria de ter parecido impossível, mesmo em horas de fantasia louca: pôr o jornal ao serviço das classes trabalhadoras, ao serviço do proletariado industrial e agrícola, ao serviço do socialismo, para tudo dizer numa palavra. (Lopes, 2010, P. 63)

Com a grande repercussão do jornal Diário de notícias, Saramago ficou conhecido, e também foi bastante atacado por políticos, sendo acusado de ter intenções e critérios demagógicos e de ser contrarrevolucionário. O escritor alertava sobre os perigos de um possível golpe de estado. Posteriormente, devido a situação complicar-se, Saramago abandona o jornal, ficando quase um mês sem publicação.

Em 1976 Saramago desempregado, com mais de cinquenta anos, resolve então arriscar e adentrar no mundo da ficção, nos romances, pois não tinha salário fixo, sobrevivendo apenas de tradução de textos e publicação de artigos, ficou bastante tempo procurando inspiração e pensando sobre o que iria escrever, em outubro de 1979 conclui o livro *Levantado do chão*, enriquecendo assim o seu currículo como escritor.

O estilo saramaguiano causou um espanto no leitor, em primeiro momento uma estranheza. Alguns críticos literários admiram o seu estilo afirmando que traz originalidade ao texto. Luiz Pacheco terá sido o primeiro a chamar a atenção para a novidade da oralidade da escrita e considera-o um dos mais extraordinários monumentos literários.

Ao longo dos anos o autor publicou vários livros que tiveram sucesso tais como o *Ano da morte de Ricardo Reis*, *Memória do convento*, *Evangelho segundo Jesus Cristo* e outros. Ganhou diversos prêmios de reconhecimento porém o mais importante foi prêmio Nobel em 1998, o único escritor português a ganhar, sendo um marco em sua carreira literária. No dia 18 de junho de 2010 morre o escritor devido uma falência de órgãos. Sua morte teve uma grande repercussão o governo declarou dois dias de luto pela perda desse do talentoso e polemico escritor.

3.2 Ensaio Sobre a Cegueira

Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago foi publicado em 1995 conta a história de uma epidemia de cegueira, descrita no livro como uma cegueira branca. Sem nenhuma explicação, os personagens ficam confinados em um antigo manicômio sem nenhuma assistência e lutam para sobreviver, enfrentando diversos desafios e situação bem delicadas. O autor tinha como objetivo relatar em forma de metáfora a sociedade da época.

A ideia do *Ensaio sobre a Cegueira* ocorrera subitamente a Saramago quando almoçava no restaurante lisboeta Varina da Madragoa e não terá sido nenhum efeito directo do problema com o descolamento da retina, mas sim uma das iluminações que lhe aparecem sob a forma de título e vão maturando pouco a pouco em resultado da sua maneira de entender o mundo, algures entre o racionalismo crítico das Luzes e o materialismo histórico. (Lopes, 2010, p. 118)

O livro traz várias reflexões acerca de diversos temas como egoísmo, machismo, falta de empatia, fazendo com que o leitor se coloque no lugar de cada

personagem e reflita sobre a luta do ser humano para sobreviver, e o que estes são capazes de fazer por sua sobrevivência. O próprio autor relata que não foi fácil escrever o livro: “A certa altura, cheguei a dizer: não sei se consigo sobreviver a este livro. Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim” (Lopes, 2010, p. 119) ele descreve bem cada acontecimento, transmitindo ao leitor cada emoção da narrativa.

O internamento das primeiras levas de afectados num manicómio resulta numa esfera concentracionária de enfrentamento de uns cegos contra outros e nada resolve por o alastramento do surto epidémico alcançar todo o espaço exterior. Os médicos, as autoridades e o próprio Governo perdem também a visão. O manicómio é incendiado, a cidade fica em estado de degradação inaudita e o fim da humanidade parece próximo. Pelo caminho, ficaram cenas dantescas de exploração económica, de enfrentamento físico e de opressão sexual entre os cegos, de que esta é uma cena emblemática. (Lopes, 2010, p. 119)

Apesar de todos se encontrarem na mesma situação, alguns dos personagens queriam tirar vantagem da situação, alguns cegos começaram a se apropriar da comida e vender para os demais, aceitam qualquer objeto de valor, quando não se tinha mais nada pediram que as mulheres fossem lhe satisfazer, essa é a cena mais emblemática e repugnante de toda a narrativa, as mulheres são obrigadas a satisfazer os seus desejos em troca de comida. Saramago descreve claramente cada detalhe do que aconteceu.

[...] desceu as calças e, guiando-se com os dedos, apontou o sexo ao sexo da rapariga, [...] empurrou e forçou, ouviu os roncões, as obscenidades, a rapariga dos óculos escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar, com a cabeça de lado, os olhos na direção de outra mulher. (Saramago, 1995, P.101)]

No entanto, uma das mulheres, a mulher do médico, que não perdeu a visão, porém estava fingindo estar cega para ficar perto de seu marido, feriu um dos cegos com uma tesoura, a narrativa termina com todos saindo do manicômio recuperando a visão, o que deixa um mistério sobre a personagem designada por “a mulher do médico”.

3.3 A Crítica sobre *Ensaio Sobre A Cegueira*

Na obra ensaio sobre a cegueira de José Saramago percebe-se a desumanização dos personagens da narrativa, que são isolados em condições precárias, tendo que lutar para sobreviver. É uma obra que traz diversas reflexões ao leitor sobre determinadas atitudes e ações praticadas.

Sobre esse aspecto, Bomfim (2010), afirma que o não reconhecimento do outro como indivíduo semelhante e igualmente livre é a causa de toda a cegueira. A cegueira descrita por Saramago não é apenas física mais também metáfora para o não reconhecimento do outro.

Não era, afinal, senão a simples ausência de luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro, agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (Saramago, 1995, p. 16).

De acordo com Pedrosa (2008) cada sociedade precisa ter uma determinada ordem social, uma hierarquia para evitar o caos, tendo assim regras que são fundamentais para a convivência em sociedade, as normas são elaboradas de acordo com cada sociedade, sendo necessário uma autoridade para fiscalizar as regras propostas.

Na obra, essa ordem entra em caos, pois todos perdem a visão, porém mesmo com todos na mesma situação eles criam uma hierarquia onde colocam o médico como seu líder “O melhor seria que o senhor doutor ficasse de responsável, sempre é médico, Um médico para que serve, sem olhos nem remédio. A mulher do médico sorriu, Acho que deves aceitar, se os mais estiverem de acordo, claro está” (Saramago, 1995, p. 53). No início são apenas seis, com semanas já são dezenas, o que começam a ter conflitos entre si, começaram a se dividir em grupos.

O governo profere um discurso, o qual é repetido todos os dias com falsas promessas, logo os cegos percebem que estão abandonados ali, o alimento começa a ficar cada vez mais escasso até se esgotar completamente, essa mensagem é usada como estratégia do governo para os cegos acharem que tem alguém que está à procura de solução para o problema, uma forma de manter o controle entre eles, mesmo sabendo que não iria permanecer por muito tempo, imaginava-se que com o passar do tempo os próprios cegos iriam entrar em confronto um com o outro, até não sobreviver nenhum.

Foucault apresenta em uma de suas obras *Vigiar e Punir* (1975) sobre ordem social, ele relata sobre as formas de ordem social e como elas influencia na construção do sujeito, e que é apenas é possível através de processos “disciplinadores”, ou seja, as regras, no qual o sujeito vai sendo moldado de acordo com o seu convívio social,

como por exemplos escolas e os quarteis. O que acontece com a obra em questão visto que estão em quarentena criam uma certa ordem social que não tem sucesso, visto que cada um dos cegos queria tirar vantagem do outro.

De acordo com Perls (1988), o homem moderno busca explicações psiquiátrica para vida, deixando assim de viver e se concentrando em entender o porquê, características encontradas nos personagens de Saramago, que buscam uma explicação científica para a sua cegueira e aceitam as regras e aquela situação deplorável passivamente, acreditando que existem alguém que está procurando a explicação e a solução da sua cegueira.

A partir de então, aquele que até ali era chamado de “homem”, é agora nomeado por “cego”, selando no nome uma nova condição de existência. A desordem instituída pela epidemia de cegueira substituirá de forma cruel a ordem cegante anterior (a que, entretanto, já estavam acostumados os habitantes dessa metrópole finissecular), fazendo com que não possa deixar de ser vista por olhos habitualmente alheados do questionamento. (...) a cegueira tornar-se-á necessária para que as indagações sejam reconduzidas ao discurso que o tempo normalizou como assertivo, de modo que os novos cegos terão de perguntar “o que nos aconteceu?” (Figueiredo, 2011, p. 242).

Os personagens passaram a atribuir uma nova identidade aos cegos, cegos que estavam sem entender o motivo do real acontecimento que tinha lhe tirado a sua visão. A cegueira é necessária para que o autor utilize da metáfora para fazer sua crítica a sociedade da época. Em dialogo de personagens do livro a mulher do médico relata “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995, p.183)

De acordo com Velloso (1988) a literatura é uma expressão histórica e ideológica, pois reflete os contextos históricos dos seus autores, mesmo que sejam ficcionais. Saramago traz em suas obras características históricas assim como ideológica, fazendo uma relação entre ficção literária e a realidade, utilizando de sua obra para trazer críticas e reflexões ao leitor. A obra traz um misto de sentimentos, fazendo com que o leitor se coloque no lugar de cada personagens e sinta suas angustias, seus medos e seus anseios, e até mesmo repugnância em algumas cenas por ser descritas com bastantes detalhes.

3. METÁFORAS DE DESUMANIZAÇÃO E CRÍTICA SOCIAL EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO

Através de uma narrativa ficcional Saramago descreve metáforas uma epidemia de cegueira sem nenhuma explicação, mostrando a condições humanas e até que ponto o ser humano pode chegar para sobreviver. A narrativa é repleta de metáforas que levam a uma reflexão sobre a desumanização e a crítica social.

As metáforas de desumanização representam a perda de empatia, de solidariedade, compaixão provocando no leitor uma reflexão sobre como o individualismo está presente na sociedade. A narrativa mostra uma relação entre a cegueira física e a cegueira moral, evidenciando que os personagens já estavam cegos antes mesmo de cegar fisicamente, cegos para o sofrimento do próximo, cego para injustiças e desigualdades.

Saramago tem um estilo de escrita próprio dele, uso de longos parágrafos, sem pontuação, uma característica própria de sua escrita, também é conhecido por em unir realidade e ficção, como em "*Ensaio Sobre a Cegueira*" a narrativa acontece em uma cidade ficcional com personagens que não apresentam nome, sendo chamados apenas por sua profissão ou característica, essa características dar a ideia que as experiências e desafios enfrentados pelo personagens vai além da sua individualidade sendo universais.

Assim, a presente análise busca explorar profundamente as metáforas presente na obra e como elas contribuem para a construção da crítica social. Desvendando os significados das metáforas presente, ampliando a visão sobre os valores da sociedade.

4.1 A Desumanização como metáfora precursora da Violência

Em *Ensaio Sobre A Cegueira* é visível o processo de desumanização da sociedade, composta por pessoas individualista que pensavam apenas em si mesmo, sua vida e rotina foi mudada repentinamente, sendo afetados por uma epidemia de cegueira branca, sem explicação, trazendo um desespero e caos que só se complica cada vez mais. "O cego afirmara categoricamente que via, ressalve-se também o verbo, uma cor branca uniforme, densa, como se se encontrasse mergulhado de olhos abertos num mar de leite." (Saramago, 1995, p.14)

A desumanização é quando se perde os traços humanos, tendo uma relação com a perda dos valores éticos e morais, que são essenciais para o ser humano viver em sociedade, quando se tem a perda desses valores, considerados fundamentais, acontece a desumanização, onde os indivíduos deixam de agir com respeito e passam a ter atitudes desumanas que podem causar grandes conflitos em sociedade.

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. (Bauman & Donskis, 2014, p. 16).

Essa desumanização acontece a partir do momento em que os cegos são mantidos em um manicômio.

Renunciaria o cronista, por circunspeção, a fazer um relato discriminativo de outros males que estão afligindo muitas das quase trezentas pessoas postas em tão desumana quarentena, mas não poderia deixar de mencionar, pelo menos, dois casos de cancro bastante adiantados, que não quiseram as autoridades ter contemplações humanitárias na hora de caçar os cegos e trazê-los para aqui, disseram mesmo que a lei quando nasce é igual para todos e que a democracia é incompatível com tratamentos de favor. (Saramago, 1995, pág. 90 e 91)

No livro percebemos a desumanização nas atitudes dos personagens e também no contexto a qual se encontram, abandonados em um manicômio, todos com apenas um objetivo: sobreviver! centrado apenas na sobrevivência são capazes de explorar, enganar e até mesmo matar os outros para a sua segurança.

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrão zeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exatamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da lotaria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpite, comprou a ver que dali saía(...) (Saramago, 1995, p.25).

Essa atitude é uma das primeiras de muitas onde os personagens demonstram seus instintos de egoísmo, não se compadecendo com o sofrimento do próximo, pois a vítima tinha acabado de ser acometido por uma cegueira, encontrando-se em uma situação de desespero e fragilidade. Primeiramente o ladrão, adjetivo que foi lhe dado pelo autor, demonstra-se muito solidário, mais logo depois lhe veio à mente a ideia de se aproveitar da situação, para roubar o carro. Esse acontecimento mostra que a

cegueira é a condição natural de todos os ser humano, estando cegos para o que é de fato importante.

Outra atitude desumana é quando começa a faltar comida para os pobres cegos, pois o governo lhe prometeu enviar comida que era o básico que deviam lhe oferecer, visto a situação que se encontravam. Os cegos ficam ansioso pela comida esperando o barulho do portão “Ao todo, não serão menos de dez os cegos atentos ao ruído que o portão exterior fará ao ser aberto, aos passos dos soldados que hão-de trazer as abençoadas caixas” (Saramago, 1995, p. 7).

Excitados, os cegos, atropelando-se uns aos outros, começaram a mover-se para onde, pelos sons de fora, calculavam que estava a porta, mas, de súbito, tomados por uma vaga inquietação que não iriam ter tempo de definir e explicar, pararam e logo confusamente retrocederam, enquanto começavam já a perceber-se distintamente os passos dos soldados que traziam a comida e da escolta armada que os acompanhava. (Saramago, 1995, Pág. 47)

Porém ao perceber que os cegos se aproximavam, a atitudes dos soldados foi disparar inúmeros tiros, fazendo com que eles caíssem uns sobre os outros, numa atitude de impulso, talvez movido pelo instinto de se defender, todavia essa atitude desumana revela a violência que está no ser humano, que em meio a situação extremas não pensa em suas ações.

Viram-nos logo a seguir. Soltando berros de medo, largaram as caixas no chão e saíram como loucos pela porta fora. Os dois soldados da escolta, que esperavam no patamar, reagiram exemplarmente perante o perigo. Dominando, só Deus sabe como e porquê, um legítimo medo, avançaram até ao limiar da porta e despejaram os carregadores. Os cegos começaram a cair uns sobre os outros, caindo recebiam ainda no corpo balas que já eram um puro desperdício de munição, foi tudo tão incrivelmente lento, um corpo, outro corpo, parecia que nunca mais acabavam de cair, como às vezes se vê nos filmes e na televisão. (Saramago, 1995, Pág. 48)

Na frase “puro desperdício de munição” Saramago evidencia a irrelevância desse ato, pois não tinha um motivo plausível, utilizando de suas armas de forma fria e insensível e não apresentam nenhum tipo de arrependimento: “O sargento ainda disse, isto o melhor era deixá-los morrer à fome, morrendo o bicho acabava-se a peçonha” (Saramago, 1995, p. 48).

Atitudes de violência são bastante comuns no enredo do livro, como a dos cegos denominados cegos malvados que começam a roubar toda a comida e exigem objetos de valor dos demais cegos em troca de comida, e seria avaliados o valor dos objetos e a quantidade de comida que seria distribuída a cada camarata, entre eles tinha um cego de nascença, que já tinha experiência, o que facilitava o plano deles.

Havia portanto um cego normal entre os cegos delinquentes, um cego como todos aqueles a quem dantes se dava o nome de cegos, evidentemente tinha

sido apanhado na rede com os demais, não era a altura de pôr-se o caçador a averiguar, **Você é dos cegos modernos ou dos antigos, explique-nos lá de que maneira não vê.** (Saramago, 1995, p. 82)

A frase grifada nos mostra que mesmo estando todos cegos, na mesma situação, porém ainda há diferenças, diferenças na forma como lidam com toda a situação. Esse personagem considerado “o cego normal” representa uma ironia, pois poderia usar a sua experiência como cego para ajudar as outras pessoas, sendo o único cego de nascença, tendo seus instintos aguçados, poderia entender o que os demais personagens estavam passando, e é justamente o que ameaça todos os cegos, tirando proveito da falta de experiência dos outros cegos.

Vemos aqui dois grupos de cegos - o opressor que resolvem assumir o comando, tirando proveito da situação e os oprimidos que são obrigados a se desfazer dos seus pertences em troca de comida: “Que situação a nossa, senhor doutor, disse o primeiro cego, já não nos bastava estarmos cegos, viemos cair nas garras de uns cegos ladrões (...)” (Saramago, 1995, p. 81).

O instinto de violência acomete a todos eles, a vontade de acabar com aquela situação, fazer algo para mudar, mas temendo as consequências, gerando, ainda assim, um caos tamanho, um dos personagens chega a cogitar a ideia porém logo lhe vem o remorso.

Tenho a certeza, naquele momento o mais cego dos dois era ele, foi pena eu não ter pensado, ou então pensei, mas não tive a coragem, E depois, perguntou o primeiro cego, Depois, quê, Vamos supor que realmente conseguia tirar-lhe a arma, o que não acredito é que fosse capaz de a usar, Se tivesse a certeza de que poderia resolver a situação, sim, Mas não tem a certeza, Não, de facto não tenho, Então vale mais que as armas estejam do lado deles, pelo menos enquanto não nos atacarem com elas, Ameaçar com uma arma já é atacar, Se lhe tivesse tirado a pistola, a verdadeira guerra já teria começado, e o mais provável é que nem de lá tivéssemos saído, Tem razão, disse o médico, irei fazer de conta que pensei em tudo isso (...) (Saramago, 1995, p. 83).

Não tendo mais nenhum objeto de valor para negociar por comida os cegos malvados resolvem pedir as mulheres para satisfazer os seus desejos sexuais em troca de comida, o que causou indignação, logo decidiram que não iriam perder a sua dignidade, que não iriam se rebaixar, assim percebendo que não teriam outra opção se quisessem sobreviver teria que submeter aquela humilhante situação: “Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. Está inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil imaginar, (...)” (Saramago, 1955, p. 93).

E foram elas todas as mulheres da camarata, essa cena é a mais impactante do livro, descrita com todos os detalhes chegando a ser repugnante e revoltante, a tamanha crueldade daqueles cegos e a humilhação que aquelas mulheres tiveram que passar para sobreviver.

A mulher do médico tinha algo que ninguém tinha ali naquele manicômio, a visão e resolveu fazer justiça com as próprias mãos, tinha guardada desde do início de tudo, uma tesoura esperando o momento certo para lhe usar, aflorando assim o instinto violento que tem dentro de cada ser humano: “A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou (...)” (Saramago, 1995, Pág. 105)

Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerás de fome, a partir de hoje acabou-se a comida, nem que venham cá todas oferecer numa bandeja os três buracos com que nasceram, Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponham um pé fora desta porta, Não conseguirás, Conseguiremos, sim, a partir de agora seremos nós a recolher a comida, vocês comam do que cá têm, Filha da puta, As filhas das putas não são homens nem são mulheres, são filhas das putas, já ficaste a saber o que valem as filhas das putas (Saramago, 1995, p. 107).

Nesse trecho percebe-se que a situação mudou, agora os oprimidos passam a assumir o controle. A escuridão e a violência invadiu a mulher do médico, toda a situação em que ela passou a fizeram uma pessoa vingativa, ela relata que matou e se fosse necessário mataria de novo, que não hesitaria em matar se fosse para garantir a sua sobrevivência.

A desumanização e a situação podem gerar pessoas violentas. É notório esse processo durante o enredo do livro, os personagens que foram confinados não saíram da mesma forma que entraram, todos foram modificados psicologicamente e emocionalmente. A influência do contexto vivenciado juntamente com a desumanização pode gerar pessoas violentas, reconhecendo as consequências das ações.

Esse *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão. Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos concentracionários. Mas assistiram também à sua própria força, à sua solidariedade, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão de seus próprios preconceitos. Este, repito, é um ensaio sobre a visão: do outro, das relações humanas, das linguagens e seus clichês, da verdade, do poder e até dos gêneros literários nesse romance que, como se sabe, se quer ensaio. Porque este não é tão-somente um romance cujo assunto é a cegueira, mas também

um ensaio entendido como experiência, experimentação que revele a possibilidade de enxergar para além das aparências, para além dos seus próprios limites convencionais.” (Silva, 1999, p. 294)

4.2 A metáfora da cegueira branca como crítica social a sociedade

A cegueira descrita na obra é uma cegueira branca, causada pelo excesso de luz, sendo uma metáfora que carrega muitos simbolismos, pois vai além da condição física. É a incapacidade de entender a realidade que os personagens estão inseridos, a incapacidade de lidar com as demandas, com os excessos de informações, e com as pressões imposta pela sociedade capitalista. Dessa forma, a cegueira branca pode ser vista como busca em excesso pelo sucesso, deixando as pessoas cegas para outros aspectos, cegas para valores essenciais, cegas para o sofrimento do próximo.

Bauman (2014) no seu livro *Cegueira Moral* relata a cegueira moral como a perda de sensibilidade ao sofrimento do outro, ele descreve a sociedade como individualista, consumista, e negligencia os valores éticos e morais, pensam apenas nos seus interesses pessoais. Nota-se uma relação com a cegueira descrita por Saramago, mostrando como os indivíduos são capazes de agir de forma desumana, diante das mais difíceis situações.

Candido (1965) relata em *Literatura e sociedade* que no “terreno na crítica literária somos levados a analisar a intimidade da obra” (Candido 1965, p.14), ou seja, quando estamos falando na análise crítica de uma obra precisamos olhar além, identificar na obra os simbolismos, a linguagem, as metáforas, os sentimentos, pois são eles que transmitem a ideia e as reflexões que o autor quer repassar ao leitor.

Em alguns casos a metáfora presente em uma obra literária serve para levantar alguma crítica, um exemplo é a obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, na qual o autor utiliza da metáfora da cegueira para criticar a sociedade contemporânea. O uso da metáfora na literatura é eficaz, pois leva o leitor a refletir sobre a obra e também sobre o mundo a qual está inserido, refletir sobre os problemas e as injustiças presentes na sociedade.

Saramago nos propõe uma análise crítica da sociedade capitalista, consumista e egoísta, que se importa apenas com o sucesso, e não por quem precisam: “Foi ordem do senhor doutor, o caso deste senhor é urgente. A mãe do rapaz estrábico protestou que o direito é o direito, e que ela estava em primeiro lugar, e à espera há mais de uma hora.” (Saramago, 1995, p. 9).

Esse trecho do livro é quando o primeiro cego é levado ao oftalmologista, nenhum momento os pacientes perguntam ou tentam entender a gravidade da situação, apenas não gostam do fato de ele não ser atendido primeiro, nota-se a pressa e a insensibilidade desse personagem, onde apenas se importam com o seu problema, pois só não insistem na sua reclamação temendo ter que esperar mais ainda. Saramago critica a sociedade que era uma sociedade insensível e egoísta.

Outra atitude egoísta é a do ladrão que roubou o primeiro cego, ofereceu para ajudar, demonstrando generosidade, mas foi levado pela tentação de roubar o carro do primeiro cego: "(...) no fim das contas, estas ou outras, não é assim tão grande a diferença entre ajudar um cego para depois o roubar e cuidar de uma velhice caduca e tatibitate com o olho posto na herança" (Saramago, 1995, p. 11). De acordo com o narrador nada adiantou a sua generosidade se tinha a intenção de tirar proveito.

A "rapariga dos óculos escuros" reage ao assédio do ladrão de automóveis causando um ferimento na perna, que o levou a morte, talvez ao fazer isso para se defender ela não imaginaria o que aconteceria, outra característica descrita nesse trecho é a impulsividade, agir sem pensar nas consequências de suas ações.

se antes de cada acto nosso nos puséssemos a prever todas as consequências dele a pensar nelas a sério. primeiro as imediatas. depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chega ríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar. Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma forma bastante uniforme e equilibrada, por todos os dias do futuro, incluindo aqueles, infindáveis, em que já cá não estaremos para poder comprová-lo, para congratular-nos ou pedir perdão, aliás, há quem diga que isso é que é a imortalidade de que tanto se fala, Será, mas este homem está morto e é preciso enterrá-lo. (Saramago, 1995, p.45).

A atitude do governo diante de tal situação mostra a insensibilidade e o egoísmo. Acreditando que a cegueira não atingiria a todos, resolveram isolar os primeiros cegos em um manicômio, prometendo dar-lhes a devida assistência, e ficaram isolados em situações deploráveis. Impondo uma autoridade, em que os cegos deveriam ficar isolados e não sair do manicômio em hipóteses alguma, que eles em isolamento demonstrariam uma solidariedade com os demais da sociedade.

hipermercado em processo de falência, Na sua opinião, qual deles serviria melhor aos fins que temos em vista, O quartel é o que oferece melhores condições de segurança, Naturalmente, Tem porém um inconveniente, ser demasiado grande, tornaria difícil e dispendiosa a vigilância dos internados, Estou a ver, Quanto ao hipermercado, haveria que contar, provavelmente, com impedimentos jurídicos vários, questões legais a ter em conta, E a feira, A feira, senhor ministro, creio ser preferível não pensar nela, Porquê, A indústria não gostaria com certeza, estão ali investidos milhões, nesse caso, resta o manicómio, Sim, senhor ministro, o manicómio, (...) (Saramago, 1995,p. 23).

Em uma ocasião quando um dos cegos precisou de medicamento e outro cego se dirigiu ao guarda para pedir, ele atirou e o cego morreu, os guardas são insensíveis e egoístas, características bem comuns na narrativa, ele justifica a sua ação pelo medo de cegar, mas já estando cego, cego diante das necessidades dos outros. Em outras ocasiões, os soldados também atiraram nos cegos enquanto eles iam apenas obter comida, caindo vários cegos mortos uns sobre os outros, e os demais que ficaram vivos não se preocuparam em saber quem seria os cegos mortos, apenas com a comida. Ao longo da narrativa os soldados também ficam cegos nos levando a refletir novamente sobre a metáfora da cegueira branca descrita no livro.

Outras atitudes violentas são dos cegos malvados que resolvem tirar vantagem pedindo algo em troca da comida, no primeiro momento foi objetos de valor, depois pediram mulheres para satisfazer seus desejos, essas atitudes começaram a causar desunião entre os cegos, e tornando aquele lugar em um completo caos, o que nos leva a refletir que mesmo estando confinados todos na mesma situação, mas, ainda assim, tem alguém esteja querendo obter vantagem, assim também é na sociedade sempre existe alguém disposto a fazer qualquer coisa para conseguir o que deseja, mesmo que para isso seja preciso pisar em outras pessoas, estando cego assim para os outros.

A metáfora da cegueira branca é totalmente evidente em todo o enredo do romance, nas atitudes dos personagens e como interagem entre si, assim apresenta uma relação com a sociedade pós moderna, uma sociedade individualista, centrada apenas no seu próprio bem estar, com pessoas alienadas que não enxergam a necessidade dos outros.

4.3 A metáfora do manicômio em *Ensaio Sobre A Cegueira*

Os cegos são colocados pelo governo em quarentena em um manicômio abandonado, o local onde tudo acontece, onde começa o processo de desumanização de todos os personagens, onde começam a agir como animais, a escolha do manicômio como local para o confinamento dos cegos tem uma relação entre a cegueira e condição humana, o processo de desumanização do sujeito que está totalmente frágil, sensível e confuso, afastar esses sujeitos seria a salvação da sociedade de acordo com o governo, inclusive no comunicado fica bastante evidente: “ (...) pensando que o isolamento em que agora se encontram representará. acima de

quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional” (Saramago, 1995, p. 25)

A escolha do autor em escolher o manicômio como espaço do isolamento não foi aleatória, trazendo assim diversas simbologias, tendo uma relação do espaço com os acontecimentos, uma metáfora da desumanização, das relações de poder, alienação e isolamento. Quando são isolados suas vidas começam a ser controladas, tratados como objetos, como algo que precisa ser retirado da sociedade, uma mancha, acreditando ser a única forma de não espalhar o contágio, restringindo o direito de liberdade dos personagens, perdendo assim a sua dignidade: “És capaz de imaginar aonde nos trouxeram, não, ela ia a acrescentar a um manicómio (...) Com certeza não crês que vamos ser os únicos, Isto é uma loucura, Deve de ser. estamos num manicómio” (Saramago, 1995, Pág. 24)

A prove da progressiva deterioração do estado de espírito geral deu-a o próprio Governo, alterando por duas vezes, em meia dúzia de dias, a sua estratégia. Primeiro, tinha acreditado ser possível circunscrever o mal recorrendo ao encerramento dos cegos e dos contaminados em uns quantos espaços discriminados, como o manicómio em que nos encontramos. Logo, o inexorável crescimento dos casos de cegueira levou alguns membros influentes do Governo, receosos de que a iniciativa oficial não chegasse para as encomendas, donde resultariam pesados custos políticos, a defender a ideia de que deveria competir às famílias guardar em casa os seus cegos, não os deixando sair à rua, a fim de não complicarem o já difícil transito nem ofenderem a sensibilidade das pessoas que ainda viam com os olhos que tinham e que, indiferentes a opiniões mais ou menos tranquilizadoras, acreditavam que o mal-branco se propagava por contacto visual, como o mau olhar (Saramago, 1995, P. 70).

Nesse trecho nota-se as estratégias do governo para tentar controlar a epidemia, no primeiro momento foram colocados todos isolados no manicômio, vendo que não foi o suficiente, pediu que as famílias cuidassem dos seus cegos não saindo de casa, percebe-se o despreparo das autoridades frente a esse cenário, o desespero temendo custos políticos.

Impelida pela esperança absurda de uma autoridade que viesse restaurar no manicómio a paz perdida, fortalecer a justiça, devolver a tranquilidade, uma cega chegou-se conforme pôde à porta principal e gritou para os ares, Ajudem-nos, que estes estão a querer roubar-nos a comida. (Saramago, 1995, p. 78).

Percebe-se o caos que estava aquele espaço, os cegos desesperados em busca de alguém para intervir naquela situação, para colocar ordem naquele local, porém não se tinha uma reposta, os guardas sabiam apenas atirar, tendo medo de

ficar cego. Ainda restava naqueles cegos uma esperança, esperança de que toda aquela situação um dia iria ter fim.

O espaço também é uma metáfora de poder e autoridade, como as autoridades tentam controlar aqueles cegos com regras, tirando a sua liberdade, prometendo toda assistência, isso mostra uma tentativa de manter a ordem social. Entretanto, não foi possível, logo por não ter alguém entre os cegos alguém quis colocar essa ordem, mas com atitudes violentas, o início de um verdadeiro caos entre eles. Saramago nos propõe uma reflexão sobre as relação e estratégias de poder na sociedade, e sobre a hierarquia, como os mais fortes manipulam os mais fracos através do uso da violência.

Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, primeiro, as luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata, terceiro, em cada camarata existe um telefone que só poderá ser utilizado para requisitar ao exterior a reposição de produtos de higiene e limpeza, quarto, os internados lavarão manualmente as suas roupas, quinto, recomenda-se a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar, sexto, três vezes ao dia serão depositadas caixas de comida na porta da entrada, à direita e à esquerda, destinadas, respectivamente, aos pacientes e aos suspeitos de contágio, sétimo, todos os restos deverão ser queimados, considerando-se restos, para este efeito, além de qualquer comida sobrando, as caixas, os pratos e os talheres, que estão fabricados de materiais combustíveis, (...) Saramago, 1995, p. 111).

Outra metáfora presente no espaço utilizado é da alienação e do isolamento, os personagens logo foram separados da sociedade como algo que precisa ser retirado para o bem de todos, sendo retirados de seu lar do seu conforto, o que nos leva a refletir sobre a forma como a sociedade lida com alguns grupos de pessoas que são considerados inferior, que ficam a margem da sociedade em busca de uma oportunidade.

O manicômio é visto como o espaço em que são colocadas as pessoas que não se enquadra na sociedade, o que fica evidente a forma como a sociedade lidar com as diferenças, de maneira discriminatória, preferindo discriminar em vez de ajudar. A presente metáfora reflete questões fundamentais de justiça, inclusão e igualdade social.

Apesar disso, e embora sabendo que são raríssimas as educações perfeitas e que mesmo os mais discretos recatos têm os seus pontos débeis, há que reconhecer que os primeiros cegos trazidos a esta quarentena foram capazes, com maior ou menor consciência, de levar com dignidade a cruz da natureza eminentemente escatológica do ser humano. Mas agora, ocupados como se encontram todos os catres, duzentos e quarenta, sem contar os cegos que dormem no chão, nenhuma imaginação, por muito fértil e criadora

que fosse em comparações, imagens e metáforas, poderia descrever com propriedade o estendal de porcaria que por aqui vai. (Saramago,1995, p. 74).

Outra metáfora representada no presente livro é a condição humana, acompanhando-se durante todo o enredo a história dos personagens, suas profissões, seus pensamentos, o leitor consegue ver todo o processo a partir do momento que eles chegam ao manicômio e quando eles saem, suas emoções, suas lutas, assim também como a esperança de que tudo aquilo ira acabar, passam por situações extremamente complicadas, alguns revelam seu lado obscuro, outro ficam abalados, então temos pessoas isoladas cada um com seus conflitos e com suas lutas internas, cada um lidando com a situação da maneira como acham melhor. O que reflete a vivencia em sociedade, cada um com suas lutas buscando seus objetivos e tentando se encaixar em grupos sociais para ser aceito.

4.4 A metáfora presente na personagem “a mulher do médico”.

A personagem mulher do médico é a única do manicômio que não fica cega, foi levada com a justificativa que estava cega para ficar junto com o seu marido, porem esconde esse fato dos demais, temendo que eles usem isso e a façam de escrava. Ela imagina que por se tratar de uma epidemia desconhecida porem imagina-se que era contagiosa ela iria cegar também.

Tu não estás cega, não posso consentir que fiques aqui, Sim, tens razão, não estou cega, Vou pedir-lhes que te levem para casa, dizer-lhes que os enganaste para ficar comigo, Não vale a pena, de lá não te ouvem, e ainda que te ouvissem não fariam caso, Mas tu vês, Por enquanto, o mais certo é cegar também um dia destes, ou daqui a um minuto, Vai-te embora, por favor, não insistas, aliás aposto que os soldados nem me deixariam pôr um pé nos degraus, Não te posso obrigar, Pois não, meu amor, não podes, fico para te ajudar, e aos outros que aí venham, mas não lhes digas que eu vejo, Quais outros, Com certeza não crês que vamos ser os únicos, Isto é uma loucura, Deve de ser estamos num manicómio. (Saramago,1995, p. 143).

Essa personagem é bastante importante na narrativa pois reflete sobre o contexto que foi inserida, mesmo não estando cega, ela presencia e ver diversas coisas, acompanha todo o processo de desumanização daquelas pessoas que estavam isoladas. Uma personagem solitária, cuja personalidade é moldada devido a situações que teve que passar. Em uma das suas reflexões ela afirma que “Não tenho o direito de olhar se os outros não me podem olhar a mim, pensou” (Saramago, 1995, p. 71). Sentindo-se culpada por ser a única que enxerga.

A personagem solidaria é tomada por um completo desejo de vingança quando alguns cegos mafiosos resolvem pedir mulheres em troca de comida, mulheres para servir de objetos sexuais e satisfazer seus desejos. Ela vê toda a cena, as mulheres totalmente frágeis, sendo abusadas e os homens como animais esperando a sua presa: “As mulheres, todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas, estas gajas são todas iguais, sempre têm de pôr-se aos berros” (Saramago, 1995, p. 176)

A cega das insónias uivava de desespero debaixo de um cego gordo, as outras quatro estavam rodeadas de homens com as calças arriadas que se empurravam uns aos outros como hienas em redor de uma carcaça. (...) Rapariga dos óculos escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar, com a cabeça de lado, os olhos na direcção da outra mulher, ele nem deu pelo que estava a acontecer, o cheiro do vómito só se nota quando o ar e o resto não cheiram ao mesmo, (...) (Saramago, 1995, p. 101)

A mulher do médico resolve tomar uma atitude, desde o dia que chegou no manicômio tinha guardado uma tesoura sempre imaginando que um dia poderia precisar, então utilizou a tesoura para colocar um fim naquela situação, depositando na sua atitude toda a sua indignação: “enterrou-se com toda força na garganta do cego” (Saramago, p. 185). Os cegos malvados ficaram com medo e a mulher se sentia capaz de fazer qualquer coisa para defender a si própria e o seu grupo.

Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerás de fome, a partir de hoje acabou-se a comida, nem que venham cá todas oferecer numa bandeja os três buracos com que nasceram, Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponham um pé fora desta porta, Não conseguirás, Conseguiremos, sim, a partir de agora seremos nós a recolher a comida, vocês comam do que cá têm, Filha da puta, As filhas das putas não são homens nem são mulheres, são filhas das putas, já ficaste a saber o que valem as filhas das putas. (Saramago, 1995, p. 107)

A personagem representa a uma metáfora entre a luz e a escuridão, a mulher do médico representa a luz, enquanto o mundo está sendo devastado por uma completa escuridão, ela consegue manter sua capacidade de ver e compreender, a lucidez. Ela é a luz em meio a escuridão, capaz de ver o que ninguém ver, acompanhando assim a desumanização de todos aqueles cegos que estavam confinados, sua presença no enredo representa a ética, a esperança, lucidez, resiliência e também a moral, mostrando que mesmo nas piores das situações ainda é possível manter a sanidade e a solidariedade.

Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega, Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam, Não podes guiar nem dar de comer

a todos os cegos do mundo, Deveria, Mas não podes, Ajudarei no que estiver ao meu alcance (Saramago, 1995, p. 241).

Enxergar a realidade mesmo que seja difícil é essencial para saber lidar com ela, buscar a solução para os problemas. Assim a personagem é exemplo de força e coragem, durante a narrativa exerce a função de líder do grupo, sempre buscando ajudar a todos e fazer algo em prol do bem estar do seu grupo. Desde do início ela sempre demonstrou solidariedade e coragem, características de um bom líder, nos levando a reflexão que em meio a situações extremas necessita-se de um líder para ter controle da situação.

Ao sair do manicômio após o incêndio o grupo de cego segue sendo guiado pela mulher do médico e no final do livro voltam a enxergar, representando assim a união a solidariedade e que tinha mudados depois da epidemia, começaram a enxergar o que de fato é essencial.

A metáfora descrita na obra não é apenas física, mas uma simbologia, representando a falta de compreensão, levando a uma reflexão que o fato de enxergar fisicamente não garante a compreensão do mundo, evidenciando uma cegueira moral que impede de enxergar as injustiças sociais presente no mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar a maneira como a obra retrata a metáfora da cegueira para simbolizar a desumanização da sociedade, gerando uma reflexão crítica sobre questões sociais presente no livro e revelando o papel dos elementos simbólicos presente na obra e sua relação com a crítica social.

Investigou-se a forma como a metáfora da cegueira é retratada para compreender a sociedade da época e os seus valores éticos e morais, contribuindo para o enriquecimento do campo de estudos literários, assim como a discussão mais aprofundada sobre a forma que a metáfora é utilizada na literatura, demonstrando sua eficácia e seus impactos.

Também contribui para o desenvolvimento da teoria literária mais ampla da forma que a literatura é utilizada para transmitir uma mensagem crítica. Além e promover reflexões críticas, sobre as questões sociais, como a falta de empatia, o egoísmo, a indiferença, o que é relevante uma vez que permite para contribuição de pesquisas sobre a condição da sociedade e os seus desafios.

Ao longo dos estudos foi possível notar que a obra apesar de ser ficcional reflete sobre a realidade da sociedade contemporânea. A obra de Saramago mostra como a metáfora tem o papel valioso no exercício da crítica social ampliando a visão de aspectos da obra em análise. O estudo também revela a eficácia da metáfora na literatura como crítica social, evidenciando aspectos ocultos, assim como traz reflexões enriquecedoras sobre a desumanização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L.; PINHEIRO, D. O. R.; LEMOS DE SOUZA, J.; NASCIMENTO, M. J. R.; BERNARDO, S. P. “**Breve introdução à Linguística Cognitiva**”. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires; ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A., 1985.
- _____. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- _____. **Arte Retórica**. Trad. Antonio Tovar. Madrid: Estúdios Políticos, 1971.
- BORGES, Jorge Luis. **Esse Ofício do Verso**. Trad. de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DONNE, John, **selected poems**. New York: Dover, 1993.
- FERRAREZI, C. J. **Semântica para a Educação Básica**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FIGUEIREDO, Mônica. No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. São Paulo: EDUC-Mercado das Letras, 2002.
- LOPES, José Marques. **Biografia – José Saramago**. Lisboa: Guerra & Paz e Pluma, 2010. 173 p.
- PEDROSA, Ronaldo Leite. **Direito em história**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.
- PERLS, F. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.: Rio de Janeiro, 1988.
- PINKER, S. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RIBEIRO, Manoel Pinto. **Gramática aplicada da língua portuguesa**. 17 ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.
- RICOEUR, P. MV 129: **Sobre sua interpretação do símbolo: “Hermenêutica dos símbolos e reflexão filosófica”**, CI, 283-330: sobre sua explicação da famosa fórmula “O símbolo dá pensar”,
- RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978. 419p. (citado CI).

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Literatura como Espelho da Nação**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p.239-263.